

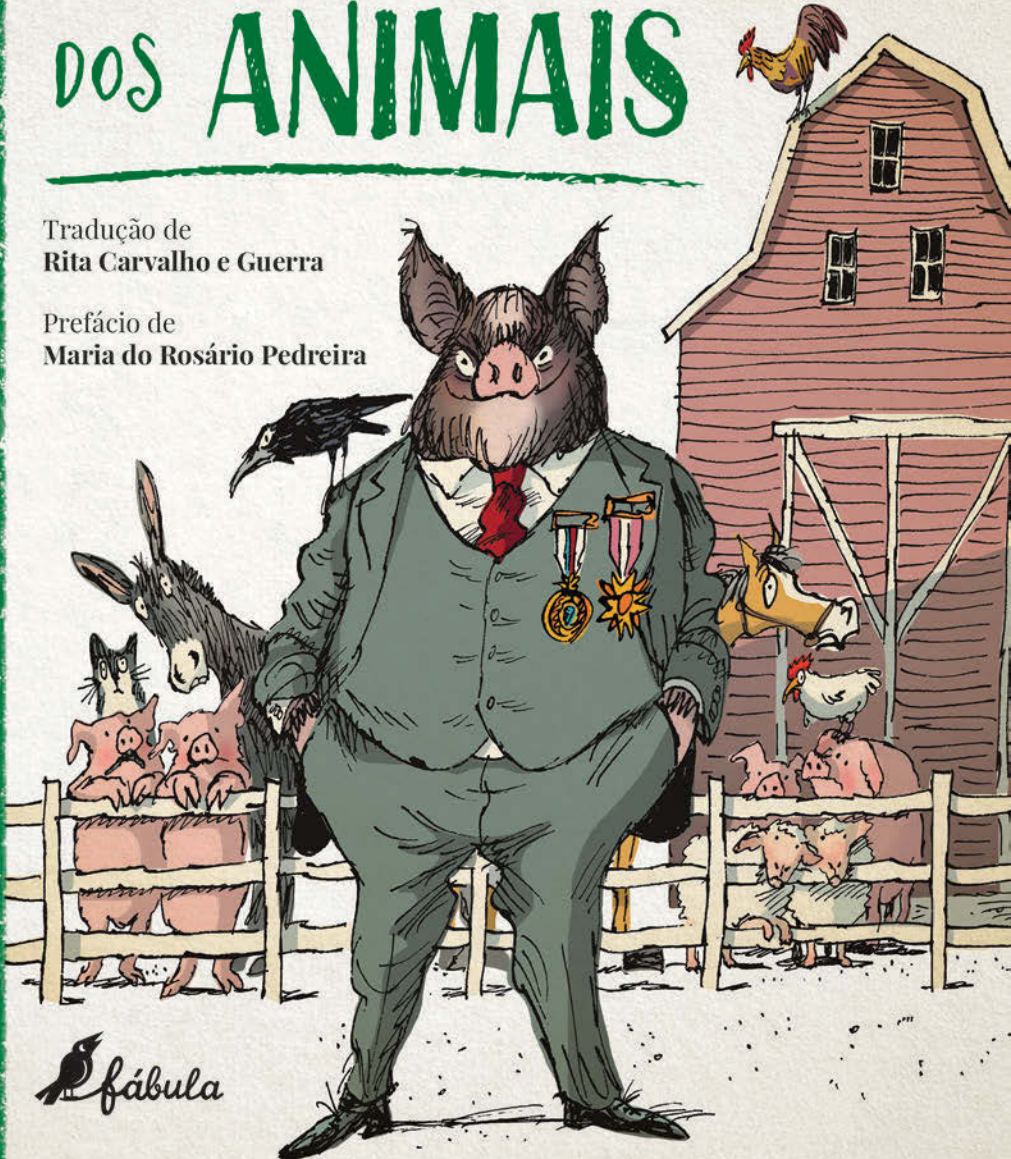
GEORGE ORWELL

OBRA RECOMENDADA
Leitura
Autônoma
3.º ciclo

A QUINTA DOS ANIMAIS

Tradução de
Rita Carvalho e Guerra

Prefácio de
Maria do Rosário Pedreira



 fábula

Índice

Prefácio de Maria do Rosário Pedreira	7
Capítulo I	15
Capítulo II	29
Capítulo III	43
Capítulo IV	55
Capítulo V	65
Capítulo VI	81
Capítulo VII	95
Capítulo VIII	113
Capítulo IX	133
Capítulo X	151

Prefácio

Triunfo e derrota

É provável que, ao longo da tua infância, tenhas lido ou ouvido contar algumas fábulas — histórias que pretendiam ensinar-te que o crime não compensa e nas quais as personagens eram bichos de toda a espécie: cigarras e formigas, lebres e tartarugas, corvos e raposas, lobos e cordeiros...

Pois *A Quinta dos Animais*, o livro de George Orwell que tens agora entre mãos (e que os mais velhos conhecem como *O Triunfo dos Porcos*), não deixa de ser uma fábula, embora por lá passem igualmente figuras humanas; mas não só a sua lição de moral é muitíssimo perturbadora — porque o problema que existe à partida e à chegada é exatamente o mesmo (apesar de mudar de mãos... ou, melhor, de patas!) —, como se trata decerto da primeira história assumidamente política que lês na vida.

Vejo-te a torcer o nariz à palavra «política», como se fosse a coisa mais maçadora deste mundo e até já estivesse com medo do que te espera nas páginas que se seguem. Mas, por favor, não deixes que te atirem areia para os olhos! Para começar, se não fosse a política, o mundo seria um lugar sem regras nem leis onde todos se atropelariam; e, além disso, quanto menos quisesse saber de política, mais provável é que, de repente, alguém comece a mandar em ti sem razão e, quando deres por isso, já não consigas mudar a situação.

Tens dúvidas? Imagino. Deixa-me então explicar melhor: a palavra «política» vem de «*polis*», que era o nome dado às cidades da Grécia Antiga, onde nasceu a democracia, que é o que nos permite escolher quem queremos que nos governe. Quando não temos liberdade para o fazer (e, infelizmente, ainda há bastantes países onde o povo não tem direito a votar em dia de eleições), é porque alguém tomou o poder à força (geralmente, um tirano apoiado por um exército) e nos obriga a fazer tudo o que quer; neste caso, o mais provável é sermos escravizados, explorados, obrigados a calar o que pensamos, castigados fisicamente ou metidos na cadeia por discordarmos das opiniões do líder. Em sociedades deste tipo, a que chamamos «ditaduras», só há duas classes: os ricos e poderosos (que são muito

poucos, mas mandam muito); e os pobres e subjogados (que são todos os outros, mas não mandam nada). Essa enorme desigualdade dá origem àquilo a que se chama vulgarmente «luta de classes» (e fixa esta expressão, pois vais ouvi-la vezes sem conta ao longo da vida).

É justamente uma luta de classes — a luta dos fracos contra os fortes, ou do trabalho contra o poder — o que se vive na quinta deste livro no momento em que a história começa: o homem de duas pernas que é dono da propriedade (um bêbedo incorrigível chamado Jones) explora até à exaustão os seus animais de quatro patas (atenção, aqui as asas valem como patas), obrigando-os a trabalhar de sol a sol, sem folgas nem feriados, e vendendo depois os frutos do seu trabalho em proveito próprio, além de lhes retirar os ovos e as crias, que também comercializa no mercado para aumentar os lucros. Só que este Jones — que até tem um cérebro supostamente racional, porque é um animal de duas pernas (um ser humano) — não mede as consequências dos seus atos quando, uma noite, regressa à quinta tão embriagado que se esquece de alimentar a sua força de trabalho (os animais) e se enfia na cama, vestido e tudo, até à tarde do dia seguinte.

Mas como pode uma vaca dar leite sem ter comido a sua dose de forragem? Como pode o cavalo arrastar

o arado através dos campos se estiver em jejum? Como podem as galinhas pôr ovos bonitos e frescos se as deixaram todo o santo dia à míngua de grão? A fome — tal como acontece na vida real — é então motivo de raiva e indignação, pelo que a ideia de uma revolta que expulse Jones daquela terra e devolva aos animais o que lhes pertence por direito é proposta numa reunião de emergência por um velho porco chamado Major (e este nome não é inocente, porque remete para o posto militar e, ao mesmo tempo, significa em inglês «o mais importante»).

Se não sabias que os porcos são animais inteligentíssimos (e que os burros também não são nada estúpidos, apesar da fama), já aprendeste uma coisa antes mesmo de começares a ler este livro. Mas é pela sua grande inteligência que são os porcos os grandes divulgadores do «Animalismo» (que, numa divertida alusão ao Cristianismo, defende que «todos os animais nascem iguais» e tem os seus próprios mandamentos: sete princípios que têm de ser cumpridos, custe o que custar); e são também os porcos os instigadores da revolução que acaba por ter lugar na quinta e durante a qual, com uns coices e umas cornadas valentes, Jones é empurrado para fora da propriedade com o rabinho entre as pernas.

Parece então mais do que justo que os porcos fiquem a governar aquela que passa a chamar-se «Quinta dos Animais», porque são eles que sabem ler, que têm ideias para o desenvolvimento da terra, que conhecem novos equipamentos e técnicas que contribuirão para facilitar as tarefas e aumentar os rendimentos do trabalho, que se propõem apoiar os animais doentes, velhos e reformados, que criam assembleias semanais em que todos são convidados a dar a sua opinião... Bola-de-Neve e Napoleão, ainda na flor da idade, substituirão por isso o velho Major, já cansado (e já deves ter percebido que os nomes desses dois porcos também fazem bastante sentido quando se trata de gente que leva tudo à frente e é competente a dar ordens).

E, de facto, nos primeiros anos, todos os animais aceitam a situação (excetuando os dissidentes, que preferem continuar a ser paus-mandados e vão servir para outras quintas) e investem o máximo que conseguem; quantas vezes lutando contra a geadas, as tempestades, o sol abrasador ou a seca inclemente, não param de trabalhar um só dia para que a «sua» terra produza, produza e produza, crendo que é para o seu próprio proveito e para o bem da comunidade.

Mas... será que os seus chefes também o fazem? É que o apego ao poder tem quase sempre consequências

desastrosas, e um rabo bem sentado não encontra grandes motivos para se levantar... Aos poucos, muito sabiamente, quase sem ninguém dar por isso, os porcos vão, assim, mudar as regras do jogo; e, se acaso alguém estranha os seus privilégios, o espertíssimo porta-voz do governo tem sempre uma resposta inteligente para justificar tais regalias, quando não um cão bem treinado para atirar às canelas de quem não está de acordo com elas. E aqueles sete mandamentos do Animalismo, que deviam funcionar como leis e ser religiosamente cumpridos, vão afinal caindo um após outro, até descobrirmos, sem querermos acreditar nos nossos olhos, Napoleão a embebedar-se com o whisky que Jones deixou na quinta, como se esta história só pudesse realmente acabar como começou, para nos lembrar que os mesmos erros são cometidos no mundo muitas vezes desde que o homem é homem (e que o porco é porco).

George Orwell, o autor d'*A Quinta dos Animais*, sabia do que falava. Nasceu na Índia britânica em 1903 e foi um jornalista e escritor que passou por muitas dificuldades, mas nunca desistiu de defender a liberdade, de lutar contra as injustiças e de denunciar situações que considerava completamente inaceitáveis, como o regime totalitário que vivia a União Soviética — um grande conjunto de países então liderado por um

ditador chamado Estaline, que liquidou muita gente só por não concordar com as suas ideias e que governava com mão de ferro, criando uma sociedade de terror. Entre os principais livros de Orwell, *A Quinta dos Animais* é talvez o único que pode ser lido e compreendido com o mesmo prazer por novos e velhos, e costuma dizer-se que é uma «alegoria» do estalinismo, usando animais para contar uma história que, afinal, aconteceu na realidade com seres humanos.

Se não queres ser enganado como os pobres animais desta história, nem trabalhar que nem um louco para os outros ficarem com o que produzes sem mexerem uma palha, lê esta história e reflete sobre a sua importante lição. Além do mais, ler livros torna-nos mais cultos e aptos a defendermo-nos dos tiranos, não permitindo que, com falinhas mansas, nos vendam gato por lebre. Boa leitura!

Maria do Rosário Pedreira

O senhor Jones, proprietário da Quinta do Solar, tinha trancado os galinheiros preparando-se para a noite, mas estava demasiado embriagado para se lembrar de fechar as portinholas. Com o anel de luz da sua lanterna a balançar de um lado para o outro, arrastou os pés pelo pátio, descalçou as botas junto à porta das traseiras, serviu-se de um último copo de cerveja do barril que guardava na copa e subiu para a cama, onde a senhora Jones já ressonava.

Mal a luz do quarto se apagou, a agitação percorreu todos os edifícios da quinta. Durante o dia, correra a notícia de que o velho Major, o premiado varrão *Middle White*, tivera um sonho estranho na noite anterior e desejava transmiti-lo aos outros animais. Combinaram encontrar-se no grande celeiro mal o senhor Jones

estivesse, em segurança, fora do caminho. O velho Major (assim sempre lhe haviam chamado, embora o nome sob o qual fora exibido fosse *Willingdon Beauty*) era tido em tão grande estima na quinta que todos estavam dispostos a perder uma hora de sono para poderem ouvir o que ele tinha a dizer.

Numa das pontas do grande celeiro, numa espécie de estrado, Major anichara-se já na sua cama de palha, por baixo de uma lanterna que pendia de uma trave. Tinha 12 anos e, recentemente, ficara bastante encorpado, contudo, era ainda um porco de aspeto majestoso, com um semblante sábio e benevolente, ainda que os seus colmilhos nunca tivessem sido cortados. Pouco depois, os restantes animais começaram a chegar e a instalar-se confortavelmente, cada um à sua maneira. Primeiro vieram os três cães, Campainha, Joaninha e Belisco, e depois os porcos, que se instalaram na palha imediatamente à frente do estrado. As galinhas empoleiraram-se nos peitoris das janelas, os pombos esvoaçaram até às traves, as ovelhas e as vacas deitaram-se atrás dos porcos e começaram a ruminar. Os dois cavalos de tiro, Lutador e Trevo, chegaram juntos, avançando lentamente e pousando os seus grandes cascos peludos com muito cuidado, não fosse algum animal estar escondido na palha. Trevo era uma égua corpulenta

e maternal que se aproximava da meia-idade e que nunca recuperara por completo a silhueta depois do nascimento do seu quarto potro. Lutador era um animal enorme, com quase dezoito palmos de altura e tão forte quanto dois cavalos juntos. Uma risca branca ao longo do nariz conferia-lhe uma aparência algo tola e, de facto, não tinha uma inteligência das mais apuradas, mas era universalmente respeitado pela sua firmeza de carácter e tremenda capacidade de trabalho. Depois dos cavalos vieram Muriel, a cabra branca, e Benjamim, o burro. Benjamim era o animal mais velho da quinta e com pior temperamento. Raramente falava e quando o fazia era, por norma, para tecer um qualquer comentário cínico — por exemplo, dizia que Deus lhe tinha dado uma cauda para afastar as moscas, mas que preferia não ter nem cauda nem moscas. Só ele, de entre os animais da quinta, nunca ria. Se lhe perguntavam porquê, respondia que não via razão alguma para o fazer. No entanto, ainda que o não admitisse abertamente, tinha especial afeição por Lutador; era comum vê-los passar os domingos juntos no pequeno cercado do outro lado do pomar, pastando lado a lado sempre em silêncio.

Os dois cavalos tinham acabado de se instalar quando uma ninhada de patos, que havia perdido a mãe, entrou

em fila no celeiro, grasnando debilmente e vagueando de um lado para o outro em busca de um lugar onde não fossem espezinhados. Trevo ergueu à sua volta uma espécie de muralha com a sua grande pata dianteira, e os patinhos aninharam-se ao seu lado e adormeceram prontamente. No último instante, Cândida, a bela e tola égua branca que puxava a caleche do senhor Jones, entrou no celeiro, com um andar afetado e elegante, roendo um torrão de açúcar. Instalou-se perto da frente e começou a agitar a sua crina branca, na esperança de chamar a atenção para as fitas vermelhas que a entrançavam. Por último chegou a gata, que olhou à sua volta, como habitual, em busca do local mais quente, e, por fim, se apertou entre Lutador e Trevo; aí ronronou, satisfeita, durante todo o discurso de Major, sem ouvir uma única palavra do que este dizia.

Todos os animais estavam agora presentes, com exceção de Moisés, o corvo domesticado, que dormia num poleiro atrás da porta das traseiras. Quando Major viu que todos se haviam instalado confortavelmente e aguardavam expetantes, aclarou a garganta e começou:

— Camaradas, já ouviram falar do sonho estranho que tive ontem à noite. Mas regressarei a ele mais tarde. Primeiro tenho algo mais a dizer. Não creio, camaradas, que vá continuar convosco durante muitos mais

meses, e antes de morrer, sinto que devo transmitir-vos a sabedoria que adquiri. Tive uma vida longa e muito tempo para pensar deitado, sozinho, na minha pocilga, e acho que posso dizer que compreendo a natureza da vida nesta terra tão bem quanto qualquer animal vivo. É acerca disso que gostaria de vos falar.

«Ora, camaradas, qual é a natureza desta nossa vida? Admitamo-lo: as nossas vidas são miseráveis, penosas e curtas. Nascemos, é-nos dada apenas a comida suficiente para sobrevivermos, e aqueles de entre nós que disso são capazes são obrigados a trabalhar até esgotarem o último átomo das suas forças; e no preciso instante em que a nossa serventia chega ao fim, somos chacinados com uma crueldade hedionda. Animal algum em Inglaterra conhece o significado da felicidade ou do ócio depois do seu primeiro ano de vida. Animal algum em Inglaterra é livre. A vida de um animal é miséria e escravatura: essa é a mais pura das verdades.

«Mas será isto tão-só a lei da natureza? Será por esta nossa terra ser tão pobre que não pode conceder uma vida decente aos que nela vivem? Não, camaradas, mil vezes não! O solo de Inglaterra é fértil, o seu clima é bom, tem capacidade para fornecer alimento em abundância a um número muitíssimo maior de animais do que os que hoje a habitam. Só esta nossa quinta seria capaz

de sustentar uma dúzia de cavalos, vinte vacas, centenas de ovelhas, todos vivendo num conforto e dignidade que estão, agora, quase para lá da nossa imaginação. Ora, porque continuamos nesta miserável condição? Porque quase todo o produto do nosso trabalho nos é roubado pelos seres humanos. Aí, camaradas, está a resposta para todos os nossos problemas. Esta pode ser resumida numa só palavra: Homem. O Homem é o único inimigo verdadeiro que temos. Remova-se o Homem da equação e a principal causa da fome e do excesso de trabalho será para sempre abolida.

«O Homem é a única criatura que consome sem produzir. Não dá leite, não põe ovos, é demasiado fraco para puxar o arado, não é capaz de correr suficientemente depressa para apanhar coelhos. No entanto, é o senhor de todos os animais. Obriga-os a trabalhar, dá-lhes apenas o estritamente necessário para que não morram à fome e guarda o resto para si. O nosso trabalho lavra o solo, o nosso esterco fertiliza-o e, no entanto, nem um de nós possui mais do que o seu próprio couro. Às vacas que aqui vejo à minha frente pergunto: Quantos milhares de litros de leite deram durante este último ano? E o que aconteceu a esse leite que deveria ter alimentado bezerros fortes? Todas as suas gotas desceram pelas gargantas dos nossos inimigos. E às galinhas

pergunto: Quantos ovos puseram neste último ano e de quantos desses ovos nasceram pintainhos? Os restantes foram levados ao mercado para que o Jones e os seus homens fizessem dinheiro. E tu, Trevo, onde estão os quatro potros que deste à luz e que deveriam ter sido o teu apoio e prazer na velhice? Todos vendidos com 1 ano de vida: jamais voltarás a ver qualquer um deles. Em troca das tuas quatro parições e de todo o teu trabalho nos campos, o que recebeste, além das escassas rações e de uma baía?

«E nem as vidas miseráveis que levamos podem chegar ao seu fim natural. Quanto a mim, não me queixo, pois sou um dos poucos sortudos. Tenho 12 anos e já gerei mais de quatrocentos filhos. Tal é a vida natural de um porco. Mas, no fim, animal algum escapa à faca cruel. Aos leitões que estão sentados à minha frente digo: Dentro de um ano, todos estarão a gritar pela vida no cepo. Todos haveremos de chegar a esse horror: vacas, porcos, galinhas, ovelhas, todos. Nem mesmo os cavalos e os cães terão melhor destino. A ti, Lutador, no dia em que esses teus grandes músculos perderem as forças, o Jones vender-te-á para abate, e aí te será cortada a garganta e cozida a tua carne para alimentar os cães de caça à raposa. Quanto aos cães, quando ficam velhos e sem dentes,

o Jones prende-lhes um tijolo ao pescoço e afoga-os no lago mais próximo.

«Não é, então, absolutamente claro, camaradas, que todos os males desta vida têm a sua origem na tirania dos seres humanos? Basta que nos vejamos livres do Homem e o produto do nosso trabalho será nosso. De um dia para o outro, poderíamos tornar-nos ricos e livres. Então o que temos de fazer? Ora, trabalhar noite e dia, de corpo e alma, para derrubar a raça humana! Essa é a mensagem que vos deixo, camaradas: Revolução! Não sei quando ocorrerá a Revolução, pode ser dentro de uma semana ou daqui a cem anos, mas sei, com a mesma certeza com que vejo esta palha debaixo das minhas patas, que mais cedo ou mais tarde será feita justiça. Fixem nisso os vossos olhos, camaradas, durante o que resta das vossas curtas vidas! E acima de tudo, passem esta minha mensagem aos que vierem depois, para que as gerações futuras possam dar continuidade à luta até alcançarem a vitória.

«E lembrem-se, camaradas, a vossa determinação jamais poderá falhar. Argumento algum vos poderá desencaminhar. Nunca deem ouvidos quando vos disserem que o Homem e os animais têm um interesse comum, que a prosperidade de um é a prosperidade dos outros. São tudo mentiras. O Homem não serve os

interesses de criatura alguma a não ser de si mesmo. E entre nós, animais, deverá haver uma unidade perfeita, uma camaradagem perfeita na luta. Todos os homens são inimigos. Todos os animais são camaradas.»

Nesse momento verificou-se um enorme tumulto. Enquanto Major falava, quatro grandes ratazanas tinham emergido dos seus buracos e estavam sentadas nos quartos traseiros a ouvi-lo. Os cães viram-nas de súbito, e foi apenas graças a uma rápida fuga para as suas tocas que as ratazanas conseguiram salvar as suas vidas. Major ergueu a pata, pedindo silêncio.

— Camaradas — disse —, agora temos de resolver um dilema. As criaturas selvagens, como as ratazanas e os coelhos, serão nossas amigas ou inimigas? Votemos. Coloco perante a assembleia a seguinte questão: As ratazanas são camaradas?

A votação foi realizada de imediato e ficou acordado, por esmagadora maioria, que as ratazanas eram camaradas. Houve apenas quatro dissidentes, os três cães e a gata, que mais tarde se descobriu ter votado nos dois lados.

— Pouco mais tenho a dizer — prosseguiu Major. — Repito apenas que deverão recordar sempre o nosso dever de inimizade para com o Homem e os seus costumes. O que quer que se mova sobre duas pernas é

um inimigo. O que quer que se mova sobre quatro pernas, ou tenha asas, é amigo. E lembrem-se de que, ao lutar contra o Homem, não nos podemos tornar parecidos com ele. Mesmo depois de o terem derrotado, não adotem os seus vícios. Animal algum deve viver numa casa, dormir numa cama, usar roupa, beber álcool, fumar tabaco, tocar em dinheiro ou participar em atividades comerciais. Todos os hábitos do Homem são maus. E, acima de tudo, animal algum deve tirar os seus. Fracos ou fortes, espertos ou ingênuos, somos todos irmãos. Animal algum pode matar qualquer outro animal. Todos os animais são iguais.

« E agora, camaradas, vou contar-vos o sonho que tive ontem à noite. Não consigo descrever-vos o que sonhei. Imaginei como a Terra será depois do desaparecimento do Homem. Mas recordou-me algo que há muito esquecera. Há vários anos, quando eu era um pequeno leitão, a minha mãe e as outras porcas costumavam cantar uma velha canção da qual sabiam apenas a música e as primeiras três palavras. Na minha infância aprendi a melodia, mas há muito que a tinha esquecido. Ontem à noite, contudo, recordei-a no meu sonho. E também recordei a letra dessa canção: uma letra, estou certo, que foi cantada pelos animais de antanho e que se perdeu na memória das gerações. Cantá-la-ei agora, camaradas.

Sou velho e a minha voz está rouca, mas quando vos tiver ensinado a música, poderão cantá-la melhor vocês mesmos. Chama-se *Bestas de Inglaterra*.»

O velho Major aclarou a garganta e começou a cantar. Como dissera, a sua voz era rouca, mas cantava bastante bem, e a canção era vibrante, algures entre *Clementine* e *La Cucaracha*. A letra dizia:

*Bestas de Inglaterra, bestas da Irlanda,
Bestas que por todas as terras e climas vagueiam,
Escutai as alegres novas que aqui vos trago
Do futuro dourado por que tanto anseiam.*

*Mais cedo ou mais tarde virá o dia
Em que a tirania do Homem será derrubada,
E a vastidão dos férteis campos de Inglaterra
Por bestas apenas será pisada.*

*Os arganéis desaparecerão dos nossos narizes,
Os arreios, os nossos dorsos abandonarão,
Freio e espora enferrujarão para sempre,
E os cruéis chicotes não mais estalarão.*

*Riquezas maiores do que a imaginação alcança,
Trigo e cevada, aveia e feno,*

*Trevo, feijão e beterraba,
Serão, então, para nosso uso pleno.*

*Fulgurantes brilharão os campos de Inglaterra,
Mais puras serão as águas de que beberemos,
E mais doces soprarão as suas brisas,
No dia em que nos libertaremos.*

*Devemos todos trabalhar para esse dia,
Ainda que morramos antes de lá chegar;
Vacas e cavalos, gansos e perus,
Pela liberdade teremos de labutar.*

*Bestas de Inglaterra, bestas da Irlanda,
Bestas que por todas as terras e climas vagueiam,
Escutai as alegres novas que aqui vos trago
Do futuro dourado por que tanto anseiam.*

O entoar desta canção lançou os animais na mais louca excitação. Pouco antes de Major ter chegado ao fim, tinham começado a cantar sozinhos. Até os mais néscios tinham captado a música e parte da letra, e quanto aos mais espertos, como os porcos e os cães, em poucos minutos sabiam já de cor toda a canção. E por fim, depois de algumas tentativas preliminares,

toda a quinta começou a entoar *Bestas de Inglaterra* num magnífico unísono. As vacas mugiam, os cães latiam, as ovelhas baliavam, os cavalos relinchavam, os patos grasnavam. Estavam de tal modo maravilhados com a canção que a entoaram de uma ponta à outra cinco vezes seguidas, e poderiam ter continuado toda a noite, se não tivessem sido interrompidos.

Infelizmente, o alarido despertou o senhor Jones, que saltou da cama, certo de que uma raposa lhe invadira a propriedade. Agarrou na arma que mantinha sempre no canto do quarto e disparou um cartucho número seis na escuridão. Os chumbos cravaram-se na parede do celeiro e a assembleia dispersou-se apressadamente. Todos fugiram para os locais onde dormiam. As aves subiram para os seus poleiros, os animais instalaram-se na palha e toda a quinta adormeceu num instante.

Livro controverso que se tornou um clássico intemporal para todas as idades.

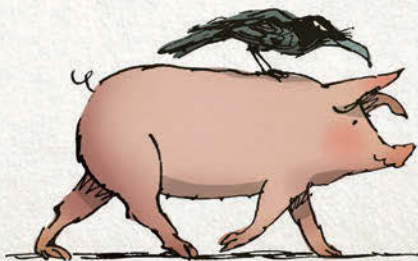
Há muito que os animais da Quinta do Solar eram explorados. Um dia, o senhor Jones esquece-se de os alimentar e é então que aqueles que estavam cansados de uma vida de miséria e maus-tratos se revoltam. Liderados pelos porcos Bola-de-Neve e Napoleão, lutam pela independência e conseguem expulsar o temível dono desta herdade, que passa a chamar-se Quinta dos Animais.

No início apreciam a sua liberdade e são definidas regras em que todos têm direitos iguais. Mas com o passar do tempo, os ideais que levaram à revolta vão sendo esquecidos. O sonho que levou à revolução dá lugar ao pesadelo da ditadura de uma minoria mal-intencionada que toma o poder.

«Entre os principais livros de Orwell, *A Quinta dos Animais* é talvez o único que pode ser lido e compreendido com o mesmo prazer por novos e velhos, e costuma dizer-se que é uma “alegoria” do estalinismo, usando animais para contar uma história que, afinal, aconteceu na realidade com seres humanos.»

in Prefácio de Maria do Rosário Pedreira



A **Coleção Tesouros da Literatura**, da qual este livro faz parte, oferece uma cuidada seleção de obras fundamentais da Literatura Universal, muitas das quais são recomendadas pelas **Metas Curriculares de Português** e pelo **Plano Nacional de Leitura**.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Literatura Juvenil

 penguinlivros.pt

  penguinkidspt

13+

ISBN: 978-989-583-434-1



9 789895 834341